

# Lista dos que sacaram antes do plano não satisfaçõe Senador

**BRASILIA** — O Senador Jamil Haddad (PSB-RJ) reclamou ontem que o primeiro exame da relação enviada pelo Banco Central sobre saques realizados pouco antes do bloqueio de saldos bancários "dá a ideia de que o Governo quer dificultar sua análise". Ele queixou-se de que, em dois dos três volumes de informações que já abriu, 90% dos relatórios estão incompletos, não mencionando, por exemplo, as agências bancárias em que os saques foram feitos. As datas das operações, segundo ele, estão desordenadas.

— Minha primeira impressão é de que há interesse em confundir — disse o Senador, estranhando que algumas relações tenham sido datilografadas, em vez de digitadas em computador.

Um dos volumes já consultados é referente a operações feitas no Banco do Brasil. É o único, segundo o Senador, que contém "informações bem prestadas". Nele, Jamil pôde constatar que uma empresa retirou NCZ\$ 120 milhões às vésperas da decretação do plano. Mas ressaltou que essa firma havia feito saques elevados em outros dias — o que pode excluir a hipótese de que seus proprietários tivessem sido beneficiados por vazamento de informações.

Pretende verificar a veracidade de denúncias que recebeu no sentido de que cinco empresas e cinco pessoas físicas sacaram quantias elevadas. Uma denúncia refere-se a um empresário que teria retirado NCZ\$ 650 milhões de uma agência do Citibank no Rio, em 12 de março.

O Senador disse que, não tendo aberto ainda todos os oito volumes que lhe foram remetidos pelo Governo federal, não sabe se encontrará neles dados referentes aos grandes bancos privados.

Pelo menos uma pessoa, além do Senador, já tomou conhecimento da lista secreta. Jamil Haddad informou ontem que já mostrou a relação de saques ao Diretor do Centro de Processamento de Dados do Senado (Prodasen), William Dupin, e pretende exibir os documentos hoje a uma pessoa que descreveu como "altamente gabaritada em matéria de transações bancárias", que poderá auxiliá-lo na análise da lista.

Embora a Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, tenha recomendado a manutenção do sigilo bancário, o Senador considera que a responsabilidade pela reserva dos documentos é sua. E afirmou:

— No Banco Central, esses dados passaram pelas mãos de muita gente. Vou mostrá-los a quem eu julgar capaz de me ajudar na análise. Em último caso, vou pedir ao Se-



Jamil Haddad e o Diretor do Prodasen, William Dupin, examinam a lista

nado a contratação de uma auditoria.

Ele explicou que só mostrou a relação ao Diretor do Prodasen em busca de orientação sobre como implantar aqueles dados num computador. O Senador não revelou o nome da pessoa com quem se encontrará hoje, alegando que deseja poupar-lá de pressões por parte dos que fizeram saques elevados.

Ontem, o Deputado José Lins (PFL-CE), manifestou preocupação com a manutenção do sigilo. Lins acha que, por analogia, as informações em poder de Jamil devem ter o mesmo tratamento dado às sessões secretas da Câmara e do Senado:

— As sessões secretas de que já participei só tiveram a presença de parlamentares. Não foi permitida a entrada de assessores nem mesmo de seguranças — disse.

Lins recomendou que o Senador peça auxiliares do próprio Congresso, sujeitos ao sigilo, ou outras pes-

soas, desde que mediante juramento perante o Senado.

Trancada desde a noite de segunda-feira num cofre do Arquivo do Senado, a relação sigilosa está ao lado de documentos históricos, como textos do inquérito militar sobre a Carta Branca, que em 1953 denunciava um suposto complô entre o então Ministro do Trabalho, João Goulart, e o Governo peronista da Argentina, para deflagração de um levante popular no Brasil. No mesmo cofre repousam também detalhes envolvendo a renúncia de Jânio Quadros e cartas dirigidas ao gabinete do Senador Luís Carlos Prestes.

Instalado no gabinete da Diretora do Arquivo, Branca Borges Góis, no subsolo do Senado, o cofre está sendo guardado por seguranças que se revezam em duplas, 24 horas por dia. Embora garanta ser a única a conhecer o segredo de cofre que pode estar guardando informações comprometedoras, Branca Borges afirmou que a responsabilidade não a assusta.